

ÚLTIMO HORIZONTE NO LIMAR DE UM SENTIDO

Doutoranda Madalena Aparecida Machado¹ (UNEMAT-FAPEMAT/UFRJ)

RESUMO: *Ricardo Guilherme Dicke é o mais eminente escritor mato-grossense de ficção da atualidade e considerado por Antonio Olinto e Leo Gilson Ribeiro, entre outros, um dos cinco maiores escritores brasileiros vivos. Ele destaca em sua obra, o homem e sua problemática existencial: com suas expectativas, à caça de si mesmo; detentor de muitas impressões subjetivas, com toda sua fundamental incerteza. O escritor alcança a visão literária contemporânea da vida cuja representação do homem – pobre de experiência – atinge a inquietação quando o coloca em questão para se conhecer.*

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; homem; pós-modernidade; Mato Grosso.

Introdução

Dicke convoca uma ordem e interpretação da vida humana pontuada por ela própria, isto posto na consciência do personagem, em seus pensamentos e parcamente em suas palavras e ações. O herói desta obra conserva a margem de indeterminação nos diferentes aspectos da existência, presentes no texto o qual destaca a ausência de explicação. Os percalços da *persona* narrativa em seu projeto de ser são apresentados pelo escritor, numa “força vocabular vulcânica”, como observou Guimarães Rosa por ocasião do prêmio Walmap de Literatura em 1967. Estilo confirmado em sete romances publicados que consideramos de alta qualidade literária pois têm a característica de mostrar o indivíduo tentando um ponto de vista em meio à verdades criadas.

Último horizonte (1988), conta a trajetória de um personagem/escritor, Jerombal Thauutes, acompanhado pela poeta, doutora em física, Kabira Astharte Flox, numa longa noite dentro de casa, especificamente em sua biblioteca. As lembranças de outra noite, pululam na insônia do personagem: a festa da família Von Krebs, no aniversário da filha de Margot, sobrinha da mulher do escritor. Jerombal é acompanhado pelo gato Tebas nas suas deambulações ingratas na madrugada enquanto observa o sono da mulher, da filha e o ronronar de Avuela. A voz sensual da locutora de rádio, Collette Thomas está presente ao mesmo tempo em que a presença fantástica do corvo marca o compasso do tempo que sempre vem, sem que ninguém peça nem recomende. Nessa noite longa sem sono, depois de tantas reflexões, encontros imaginários e diálogos possíveis, Jerombal cansa-se à medida que o dia se aproxima, levanta da poltrona na biblioteca e vai dormir.

Último horizonte é um livro joyceano em que o leitor é envolvido num fluxo de pensamentos projetados num tempo e num espaço multifacetado, como observou o crítico Hamilton dos Santos. Nele, o leitor vislumbra a representação do homem enquanto caminho, sujeito e não meta, de acordo com a proposta literária de Ricardo Dicke. Jerombal Thauutes assume o desconforto existencial de um narrador onisciente, fazendo com que o leitor adquira

nova postura diante da narrativa ficcional, “procurando despertar o desejo de penetrar nas obras como em algo vivo, indispensável para formar a nossa sensibilidade e visão de mundo.” (CANDIDO, 1997, p. 09). Na constituição do indivíduo atormentado pela crise existencial, faz-se necessário averiguar nesta literatura, de que maneira isso acontece usando, para tanto, o estudo de uma estética literária feita do conhecimento da realidade humana, psíquica e social marcada pelo contraditório. É justamente o desejo de interpretação do homem que move nossa leitura crítica do romance, cuja representação consiste em “analisar a visão que a obra exprime do homem, a posição em face dos temas, através dos quais se manifesta o espírito ou a sociedade.” (CANDIDO, 1997, p. 34).

Não se trata de perseguir o destino dos personagens ou tencionar compreender apenas contextos em que vive o homem contemporâneo mas, antes, constatar, com base em acontecimentos pequenos, insignificantes, a substância humana viva e incompleta na literatura dickensiana.

Os personagens representativos dos seres humanos presentes nos romances de Ricardo Guilherme Dicke são vistos pelo prisma de um vir-a-ser, dependente da ação em si do homem e em momentos esparsos por todo o conjunto de livros do artista. Nestas obras, o leitor se põe a questionar, qual a perspectiva de conhecimento sobre o personagem quando o matogrossense trabalha a angústia do homem diante de situações, pessoas, causando um estremecimento em estar suspenso quando nada há em que se apoiar? Até que ponto a obra de Dicke determina o desvelamento das diversas esferas do homem?

O modo pelo qual os personagens do romancista Ricardo Guilherme Dicke tomam consciência de si mesmos, advém da própria realidade como ocupantes de um lugar no mundo. Podemos considerar *Último horizonte* como um romance contemporâneo enquanto “método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo” (CALVINO, 1990, p. 121), embora este conhecimento nos seja revelado pela perspectiva do próprio narrador.

Uma interpretação do homem contemporâneo coloca em discussão o controle da aproximação subjetiva por parte do intérprete, reconhecendo o horizonte limitado de sua posição histórica. Atitude fundamental neste início de século, marcado pelo esfacelar de valores, mudança econômica em nível mundial, o domínio das redes de comunicação, a crescente informatização, globalização, competição, super valorização da ecologia, proteção aos animais... Contexto no qual o homem vai sendo cada vez mais desprestigiado. Tal fato nos leva à reflexão dentro da obra visando o limiar de sentidos. Também temos como pressuposto, a posição que o artista assume ao lidar com a existência do homem e com seu mundo: de modo idêntico aos dados históricos.

O personagem-narrador de *Último horizonte* representa o homem aberto aos questionamentos da existência: Jerombal Thauutes, sujeito que está às voltas com o esquecimento do ser para tentar seu desvelamento, perspectiva própria do romance contemporâneo que procura atingir a profundidade do ser humano em luta contra a falta de sentido da vida. Assim exposto, o homem apresenta-se em contraste com a realidade objetiva, o que irá refletir no conteúdo da consciência cindida do personagem. Dessa forma, a tonalidade e o contexto que a *persona* narrativa é enfocada em suas nuances apresenta “o sujeito [que] é um objeto de indagação e problematização. Ele não é considerado como um pressuposto; não é invariante nem invariável.” (HUTCHEON, 1991, p. 276). Ricardo Guilherme Dicke assume, ao realizar sua obra, a posição de quem interroga, duvida e procura, sem, entretanto, ter em mãos a “verdade” acerca do personagem. É o vaguear e o jogar incessante da consciência, impelida pela mudança das impressões que se busca averiguar em sujeitos definidos pelo desejo de aprofundamento das

relações, precárias, mas fundamentais. Isto presente numa realidade cuja representação do homem na prosa romanesca contemporânea, não procura esconder, antes, expõe a ruptura essencial entre o indivíduo e a sociedade. Esta característica torna-se parte integrante da conduta do homem atual, fazendo-se assim, necessário que conheçamos o processo de abertura, de ponte, entre os elos na cadeia de formação do sujeito contemporâneo.

1 Uma leitura no horizonte

Ricardo Dicke apresenta uma prosa cujos personagens se podem tomar pela consciência da instabilidade própria da desarticulação que marca e reduz o homem na história, como é o caso do *Último horizonte*, um sujeito que se põe a refletir sobre o sentido de sua vida. A obra define o contraste entre o tempo “exterior” e tempo “interior”, levado ao extremo até na mudança formal: por exemplo, o romance sem demarcações de capítulos ou quaisquer outras divisões. Também a experiência de vida dos personagens, definidos histórica e socialmente ao confluir na ação situações caracterizadoras do herói problemático: em conflito com o mundo no qual a saída parece ser o refúgio em si mesmo, enfoque principal desse livro.

Numa leitura aprofundada do livro, a compreensão surge na mesma intensidade do amadurecimento no homem, como ele adquire consciência do sentido do ser, enquanto transcendência. Nessa narrativa desconsidera-se a noção de sujeito unificado, completo e único. A fim de possibilitar uma discussão literária/filosófica da questão, o que é o homem contemporâneo, a analítica existencial mobiliza a tarefa cuja urgência é despertar o homem do esquecimento do ser para seu desvelamento. Bem como ao procurarmos entender de que forma se diferencia a memória (o Esquecimento que a tudo corrói) presente na ficção de Dicke, ou saber os meios de acontecimentos reflexivos acerca do sentido da vida na narrativa, levantamos estas e outras questões; muitas vezes instigantes, ao iniciarmos a leitura interpretativa dos seus romances ainda pouco explorados pela crítica literária.

Em Dicke, as histórias vivenciadas apresentam o homem imerso em realidade diferente. Ele é visto por um ângulo individual, com subjetividade problematizante, uma “criatura despedaçada que derrama partes de si mesma” (HUTCHEON, 1991, p. 211) em cada linha, página do texto. A história de opressão e desencanto para com a vida está concomitantemente relacionada numa linguagem poética, dentro de uma finalidade. A obra do escritor mato-grossense pertence a um tempo em que o artista investe criticamente contra a realidade exposta numa ânsia em descobrir novas formas de dizer as coisas, na esperança que ele tem de poder mexer com o conteúdo, com a alma das pessoas.

Jerombal Thauates em *Último horizonte* é o personagem inquiridor do mundo e da vida que traz em si reservas inesgotáveis de questões extraídas do desespero por não compreender o universo que o cerca nem de se fazer entender, transformando-se num “drama de todos, de tudo; da vida malfeita, dos homens mal vividos”. (CANDIDO, 1992, p. 35). Também encontramos no *Homo fictus* do prosador mato-grossense, o símbolo das condições gerais da literatura ocidental pós-moderna: um olhar expresso pela linguagem num discurso da existência feita frágil, reivindicante de poder, mas filosoficamente humilde, sabendo que não tem o controle absoluto da vida. Esta aparente inescrutabilidade do personagem de Dicke, atinge um ponto alto em *Último horizonte*.

Analisar o homem na obra de Ricardo Dicke instiga a traçar o perfil do herói em contextos diferentes, mas com uma característica comum: a construção de uma personalidade estranha com hábitos singulares. Isto posto a fim de se chegar à autoconsciência definida como

um “labirinto de coisas e fatos em que se perdeu.” (BOSI, 1995, p. 453). Com a intenção de aprofundar a compreensão desse tema na trajetória do herói contemporâneo, tomamos como necessário considerar o sujeito e suas contradições dramatizadas. Tal enfoque exige reflexão sobre a natureza da linguagem, do fechamento narrativo, de sua representação, assim como do contexto dentro de estratos da experiência humana cuja revelação é o objetivo da arte contemporânea.

Tendo em vista o perfil do homem contemporâneo estampado em personagens diante de possibilidades sobre as quais se projetam, a leitura crítica encaminha a compreensão da tendência e atitude interrogativa sobre a vida incorporada pelos “seres de papel”. Ao conhecermos esses personagens, os encontramos perdidos num ambiente muitas vezes indesejado, fato que os levam a buscar refúgio interior. Ao contrário do herói clássico, os personagens de Dicke, não expõem façanhas nem aventuras fantásticas, andam em busca do que se perdeu: a compreensão de si mesmo. Por meio de processos psíquicos, o mundo fictício vai se desenrolando para que o leitor entre em contato com os “entes que povoam o mundo romanesco” (SCHÜLER, 1989, p. 40) e passe a viver a experiência deles, como a solidão intransponível de Jerombal. Os “seres intencionais” (CANDIDO, 1970, p. 35) apresentam aspectos que proporcionam a probabilidade do homem conhecer mais de si mesmo (onde o esquecimento? Onde o desvelamento?) por meio da *persona* narrativa.

Realizar uma leitura crítica da obra de Ricardo Guilherme Dicke é ter como prerrogativa, apreender situações que denotem o comportamento dos personagens em estados psíquicos, críticos, fazendo o homem “funcionar” numa inesgotável e insondável capacidade de colisão com os valores nesses tempos modernos. Procurar conhecer os seres humanos ali representados, é reconhecer o quão difícil é passar por “situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida, sejam [eles] trágicos, grotescos ou luminosos” (CANDIDO, 1970, p. 45).

Outro pressuposto ao avaliar o homem contemporâneo na obra de Dicke, é sabê-lo como alguém que dirige seu olho, principalmente à exceções. Ao lhe entendermos enquanto construção de valores e não como alguém portador de uma verdade absoluta inserido em fatos eternos, o percebemos participante de acontecimentos pequenos. O mistério de existir nessa trama ficcional fica por conta de um personagem sem grandiosidade a revelar, preso voluntariamente numa biblioteca a pensar na vida. Interpretar as entidades narrativas de Dicke requer tal atenção na roupagem literária cujo espaço ocupado pela consciência humana é o de “ser autoconsciente e livre para, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a própria situação” (CANDIDO, 1970, p. 48).

Em *Último horizonte*, ao descobrirmos no ser fictício as marcas de um tempo caotizado pela falta de comunicação nas relações, encontramos por sua vez impresso no ser humano a convivência espiritual envolta na variedade de modos de ser. Sem referencial, os personagens com suas maneiras fragmentárias, insatisfeitas, incompletas usam desse artifício para elaborar o conhecimento da pessoa real. Jerombal e Kabira, a sensibilidade e a razão provocadoras de vida se entrelaçam, se afastam instalados no limiar procurado.

Orientando-nos pelas estruturas que compõem o ser do homem, a idéia de transcendência deve estar sempre presente: “o homem é algo que se lança para além de si mesmo.” (HEIDEGGER, 2001, p. 85). O personagem na obra dickeniana tem postura contemplativa. Isto se deve ao fato de “o ser cujo sentido se trata de recuperar, é um ser que tende a identificar-se com o nada, com as características efêmeras do existir, como que fechado entre os termos do nascimento e da morte.” (VATTIMO, 1987, p. 100). É, no sentido de se evidenciar um sujeito em face de encontrar algo de verdadeiramente relevante para si, sem uma direção a seguir, nem

caminho seguro a percorrer. Este pressuposto é uma contribuição da “pós-modernidade para os estudos de literatura, [sendo] a abertura para se falar não só do texto literário, mas também sobre a vida, o comportamento.” (YUDICE, s.d., p. 52). Assim é a narrativa literária que Ricardo Dicke trabalha, no sentido de entender o homem e seu universo da maneira mais abrangente possível.

1.1 Conclusão

O desacordo do sujeito com o mundo que Dicke se esmera em denunciar/iluminar vem ao encontro de uma concepção do homem contemporâneo em seu existir cujo “pensamento que compreende e que pensa a relação de ser e pensar, é a própria questão do ser como tal.” (HEIDEGGER, 1999, p. 281). Personagens esfacelados, perdidos entre muitas verdades e poucas certezas na narrativa de Dicke assumem a representação da pessoa real, “apreendida na multiplicidade de observações” (AUERBACH, 1998, p. 255) a respeito de fatores essenciais para compreender a si próprio. O ser no mundo cotidiano, desprestigiado por causa da multiplicidade de modos de ocupação é o *leitmotiv* de *Último horizonte*.

Em cada obra de Dicke o homem é visto em potencialidade para se mostrar por si mesmo: aquele de *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000) é o maior exemplo dessa premissa. Ali estão suas ambições desmedidas, a falta de escrúpulos para alcançar seus objetivos, sentimentos distorcidos ao se relacionar com seu semelhante. Nesse aspecto, o personagem aceita “as tensões, os limites e as características diferenciais das situações e modos de ser”. (HEIDEGGER, 2001, p. 314). O homem que desconfia de dogmas ou qualquer tipo de imposição é arrastado na narrativa de *Último horizonte* no qual perdura o sentimento de liberdade na biblioteca, na varanda, para fazer valer a criação, invenção de si em contraposição às regras ditadas pela realidade que molda. Tanto é que se vê espedaçado na vida por não se comportar de acordo com os sentidos impostos, ao invés mostra desassombro com o que vem de seu interior insatisfeito. Do presente, são as luzes distorcidas que o fascinam, ser destaque é ser lembrado como o diferencial e é isso que o narrador anela. É importante frisar que o fascínio do diferente faz o escritor-personagem um ser mais verdadeiro, mais preciso com a vida que enxerga com a vastidão do cognoscível e do irreconhecível. Este é o contexto de um eu sem esplendor, trabalhador atento ao silêncio das coisas e pessoas; vadio aos olhos do mundo pequeno das obrigações diárias, é visto com magnitude pela natureza que o circunda (o gato, o corvo) e talvez o explique. Receptivo ao despropósito, esse homem pouco conceituado, cheio de recantos, desvãos é preenchido pelas perguntas que não calam com a mesma consistência que desmerece o rito de acordar, cumprir horários e voltar para casa mais pobre de experiências a cada dia.

Uma das grandes contribuições da teoria pós-moderna para o estudo da Literatura é a observação da pessoa, a personalidade, o indivíduo, colocado sob diferentes aspectos de interpretação. No entanto, adotamos àquela de proveniência filosófica que, transposta para o campo da Literatura irá circunscrever o sujeito desreferenciado no que tange a experienciar o mundo. Como acentua Nizia Villaça, a Literatura Contemporânea no que diz respeito à representação do homem, o contempla marcado pelo: “múltiplo, estigmatizado pela falta, descentrado, uma verdadeira estrutura dissipativa onde ordem e desperdício se conjugam” (1996, p. 38). Nesta perspectiva, pensamos o homem, na alternância de subjetividades como ponto indispensável para repensar o indivíduo enquanto sujeito e agente social.

Dessa maneira, para se entender o limiar de sentidos expresso como o último horizonte do homem contemporâneo na obra de Dicke, nos deparamos com várias visões filosóficas do indivíduo e do sujeito. Articuladas à problematização de sua existência permeada pela

temporalidade, vemos personagens como Jerombal, Kabira, Collete vivenciarem a experiência de errar, mesmo em pensamento favorece a que o leitor delimite a presença do homem, ente em busca do ser, constituído de tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, Erich. **Mimesis** – A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1998
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1995
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945 in: **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1965
- _____. Et alli. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970
- _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1997
- _____. **Ficção e confissão**. Rio de Janeiro: 34, 1992
- DICKE, Ricardo Guilherme. **Deus de caim**. Rio de Janeiro: Edinova, 1968
- _____. **Último horizonte**. São Paulo: Marco Zero, 1988
- _____. **Cerimônias do esquecimento**. Cuiabá: Editora da UFMT, 1995
- _____. **Rio abaixo dos vaqueiros**. Cuiabá: lei estadual de incentivo à cultura, 2000
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999
- _____. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2001 Vol. 1 e 2
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991
- SCHÜLER, Donaldo. **Teoria do romance**. São Paulo: Ática, 1989
- VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade; niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. Lisboa: Presença, 1987
- VILLAÇA, Nizia. **Paradoxos do pós-moderno: sujeito e ficção**. Rio de Janeiro: ed. Da UFRJ, 1996
- YUDICE, George. **O pós-moderno em debate**. Ciência hoje. Vol. 11 nº 62

¹Madalena Aparecida Machado Professora de Literaturas de Língua Portuguesa UNEMAT/Pontes e Lacerda no Departamento de Letras, Mestre em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara e Doutoranda em Teoria Literária pela UFRJ (e-mail: madaglae@yahoo.com.br)

Encontro Regional da ABRALIC 2007
Literaturas, Artes, Saberes

23 a 25 de julho de 2007 7
USP – São Paulo, Brasil